

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A Tribuna (Santos)* Class.: 02

Data: 21.04.68

Pg.: 1

O primeiro contacto com os Chavantes

A Tribuna - Santos Willy Aureli

21/4/68

NO ANO DE 1937, quando penetramos, pela primeira vez, no então misterioso rio das Mortes, julgamos adentrar nos meandros do desconhecido, afundarmos de "ponta cabeça" numa intensa tocaia feita de ciladas arquitetadas pelos até então irredutíveis e altamente belicócos índios Xavantes.

Essa era a impressão exata e havia carradas de razões para que experimentássemos esse sentimento de alta insegurança em face de constatações, narrativas, episódios, afirmativas e o panorama tático descrito pelas missões religiosas que pintavam o rio das Mortes como sendo uma estrada líquida sinuosa, sepulcral, impenetrável e esverdeadamente fantasmagórico que lhe vinha dos túneis tupidos da selva a se trancar, em ogiva, por cima, mal deixando penetrar os raios solares.

Tínhamo-nos preparado, psicologicamente, para enfrentar essa navegação exótica e ficamos até decepcionados quando a maravilhosa desse rio, que é um dos mais belos do mundo, refulgiu aos nossos olhos estupefatos, exibindo-nos, em toda a sua prodigiosa magnificência, o insuperável espetáculo de sua real beleza!

Já vínhamos com a retina repleta dos esplendores do majestoso Araguaia e insuspeitávamos poder, algum dia, absorver, pela visual, coisa semelhante.

Eis porém, que o rio das Mortes relegava, para um segundo plano, toda a formosura do Berrokã, com suas praias alucinadoras, suas florestas marginais, e campinas esmeraldinas, seus barrancos rubros desde o começo da fabulosa Ilha do Bananal, sua riqueza incomparável de uma fauna alada que pintalgava o azul do céu com as mais belas nuances, esvoaçando como flores vivas para gáudio nosso!

O reinado Xavantes recebiam-nos ao romper da primeira madrugada quando por ele adentrarmos, com todos os festejos de sua lindeza, como se, em nossa honra, tivesse querido dar-nos as boas vindas varrendo de vez, dos nossos intimos um pouco atemorizados, as falsas impressões originadas pelo "ouvi dizer".

E o encanto primitivo foi-se desdobrando, numa série infinda de maravilhas, até atingir em certos momentos, o diapasão do entusiasmo.

Ilhas que pareciam ramalhetes esparsos ao longo do percurso de águas translúcidas, barrancos em forma de imensas ferraduras, matas tupidas, avenidas floridas formando molduras às orlas retilíneas dos estirões desenhados com a insuperável régua da Natureza, curvas traçadas a compasso, praias níveas, ebúrneas, convidativas, delitas de afluentes murmurando a mesma nenia desde milênios, lagos que acendiam em nossas mentes todas as possibilidades de mistérios indecifráveis e a potente fauna terrestre, alada e ictiológica que nos fazia regougar de espanto!

Lá se vão trinta anos desde essa entrada que escreveu as primeiras páginas de um grande capítulo na história da reprise do Bandeirismo paulista!

Foi no começo do rasgamento desse véu feito de brumas que envolviam toda a imensidão virgem, possibilitando, a partir de então, a toda uma coletividade, passados anos, adentrar no âmago desses territórios até então vedados, distanciados o incubo do gentio massacrador.

A começar pelo Serviço de Proteção aos Índios, que somente em 1945 e, prudentemente, arriscou-se à entrada para a pacificação da grande tribo, após o massacre da expedição do malogrado Pimentel Barbosa.

Já, porém, tragédias inúmeras tinham pontilhado o belíssimo rio e suas margens de dolorosos acontecimentos.

O massacre dos padres Fucks e Saciloti, bárbaramente trucidados na beira do barranco de Santo Egydio (assim batizado posteriormente) ante o olhar estarrecido de 14 acompanhantes que, acovardados, nem um gesto sequer esboçaram para socorrer os dois religiosos; a matança indiscriminada de garimpeiros subindo o Araguaia, na sua margem esquerda ou penetrando inadvertidamente o Mortes, levados ao engano pela forma da confluência; o passado sombrio de épocas de antanho, onde centenas de temerários tinham pago o pesado tributo; tudo isso foi valorizando a dura empreitada da Bandeira Piratininga, que passado um ano, e a duríssimas penas, alcançava a Cordilheira do Roncador, essa imensa cadeia montanhosa que se estende durante 800 quilômetros diretamente ao Norte, negada por todos e não constando de qualquer carta topográfica.

Lágrimas, suor e sangue custou à Bandeira Piratininga esse triunfo que despetados buscaram minorar através de calúnias e inverdades, felizmente desfeitas em tempo, fazendo com que os invejosos recolhessem suas míseras estaturas normais para o interior das carapaças lésmicas.

REDUZIDA a onze homens, num território habitado por duas dezenas de milhares de índios terríveis, eis a Bandeira Piratininga penetrando como cunha nas "terras proibidas" esquivadas por todos, graças ao terror que os Xavantes espalhavam.

Já no segundo dia de nossa penetração e lóbramos, à distância, grossos anéis de fumaça elevando-se por cima das copas arbóreas. Sinais de "fumo-telegráfico" das malocas alertadas a outras malocas distantes que, sem tardança, localizávamos graças à "resposta" fumífica que acusava o recebimento mediante o estranho "Morse" silvícola, jamais visto posteriormente em uso junto as diversas tribos por nós avistadas.

Prudentemente, ao cair da noite, erguimos os nossos acampamentos na ponta de alguma ilha permitindo-nos, isso, uma vigilância atenta e um distanciamento tranquilizador dos índios que adivinhávamos pelas margens, devorando-nos com os olhos famélicos.

Já essa segurança desfizesse passados uns dias e quando encontramos, homiziadas sob as frondes de certo matagal, dezenas de jangadas construídas com talos de buritis fortemente amarrados entre eles. Isso traduzia claramente sabermos, os Xavantes, navegar, contrariamente ao que corria. Daí passamos a redobrar a guarda, tendo olhos até na nuca... Começou, a partir de então, um jogo de astúcia entre o nosso "mãochonzinho" de gente, e os nutridos grupos de guerreiros perseguindo-nos sem esmorecimentos, passo a passo, aguardando apenas uma oportunidade para destruir-nos impiedosamente.

Vimo-los, pela primeira vez, à altura da desembocadura do rio Kuruá, próximos ao resto de antiquíssimas catas que os "barbaças" pioneiros teriam aberto à cata do ouro, aos albores da era da conquista.

Estavam os Xavantes,

nesse momento, entretidos na caçada de veados e um lindo guatapará disparava desesperadamente frente ao mogote de guerreiros que, de borduna, em punho, iam-se aproximando cada vez mais do gamo, apesar de sua ligeireza e velocidade! Percebemos, então, a justiça de uma observação feita pelo Carajá Mambiora que nos alertou dizendo:

— Correr de Xavantes não é aconselhável. Eles são mais rápidos que os veados que matam com o tacape!

Realmente o esplêndido cervideo não demorou a desmoronar sob os golpes da pesada arma primitiva. Vimos e não fomos vistos. Assistíamos ao espetáculo homiziado pelas ramagens dos arbustos. Ouvimos, isso sim, uma espécie de hino cantado pela horda em regozijo pelo êxito alcançado...

Estávamos fadados a contemplar as façanhas venatórias dos terríveis índios. Já próximos ao regresso, com as devidas cautelas, a nossa atenção foi despertada pela gritaria de outro grupo, chegando em diagonal na campina que tinha sido palco da "corrida ao veado". A frente desse manipulo ensandecido vinha bufando, como locomotiva disparada a todo vapor, uma nutrida anta. Levava tudo de roldão, jamais deixando-se dos obstáculos que se lhe deparavam na reta-de-salvação: o rio não muito distante, onde afundaria sumindo.

Mas o possante tapir vinha perdendo terreno, como não poderia deixar de acontecer dada a velocidade espantosa desses índios que, treinados levariam de vencida todos os campeões que disputam a "São Silvestre" anualmente. Meia dúzia de pancadas, cujo rumor o vento trouxe até nós, enviaram desta, para... melhor, o pesado paquidérme.

Valla a pena permanecer onde estávamos, pois que nos foi dada a oportunidade de sermos, os primeiros entre os primeiros, a realizar observações de real interesse. Abatido o tapir os índios buscaram pelas proximidades uma casa-de-cupim que viesse servir às necessidades.

A quantidade incrível dessas "construções" facilitou a busca e não levou muito tempo. O cone escolhido, a ser "decapitado" com as bordunas, forcejou espaçosa plataforma onde a anta foi erguida e colocada em de-

cúbito dorsal. Logo depois os índios, catando ramos de folhas secas encheram o "forno". Processou-se a forma primitiva de se obter o fogo graças à fricção de um madeiro duro em outro mole. Labaredas fortíssimas, conduzidas à saída da improvisada chaminé pela corrente de ar que se formara, principiaram a lambear a couroça espessa do tapir. Índios encarregados de catar o material combustível iam e vinham alimentando o braseiro. Eu com o meu óculo de alcance tinha a cena a curtíssima distância. Parecia-me poder tocar com a mão os rostos dos Xavantes que dialogavam com mimica expressiva e gestos epiletóides. Aos poucos a ação do fogo e do calor tiveram razão naquele espetacular invólucro. Os gases repressados incharam de forma incrível o ventre do animal que acabou estourando como enorme pipoca, fazendo com que os índios ulvassem de alegria e pulassem frenéticos.

Compreendi, então, a razão daquilo tudo: privados de qualquer arma de corte e dada a impossibilidade, por outros meios, de fender o couro da anta, limitavam-se a colocá-la, conforme o fizeram, sobre um braseiro, aguardando o estouro do tapir!

Bem: retirado o corpanzil que deveria pesar uns duzentos quilos mais ou menos, engenharam-se em estragá-lo com as mãos poderosas, escavando o ventre, e, dele, tirando postas fumegantes que passavam imediatamente à boca. Tripas, interiores, fígado, rins, baço, tudo devorado num mastigo rumoroso como o matraquear de queixadas!

Vindos dos meandros do intrincadíssimo cerrado, mais e mais índios surgiam, atraídos pela fumaça do "cozido" ou pelo faro que nêles é apuradíssimo. O banquete prolongou-se durante cerca de uma hora, e ficamos firmes como o Pão de Açúcar, para não atraírmos a atenção dos bárbaros, sentindo água na boca, pois desde a madrugada não tínhamos colocado nada sob os dentes...

FOI esse o meu primeiro contacto (à distância), com os indomáveis e temidíssimos Xavantes em 1937. Já passado um ano outros contactos tivemos bem mais rudes. Mas isso é outro contar...



Índios Xavantes quando do primeiro contacto com a Bandeira Piratininga